

Análise do colapso hídrico do baixo São Francisco em dezembro de 2008

Tudo o que aconteceu na operação das barragens e que levou novamente ao colapso hídrico do São Francisco pode ser discutido a partir de poucas figuras. Primeiro, analisemos a figura abaixo

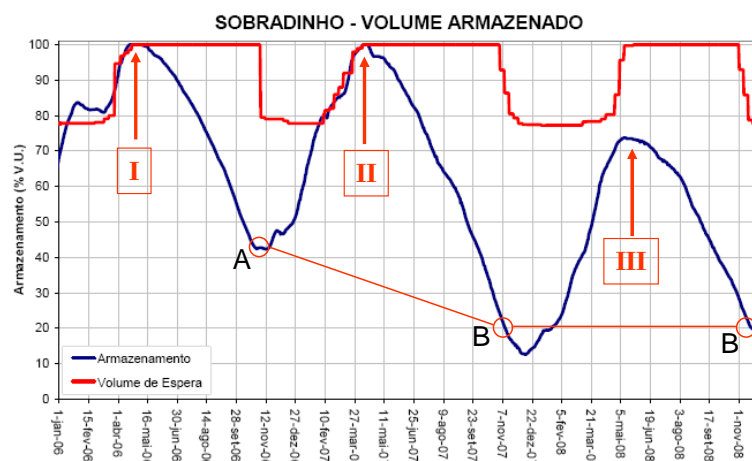


Figura 1: Armazenamento no reservatório de Sobradinho entre janeiro de 2006 e dezembro de 2008. No eixo vertical está indicada a % de armazenamento em relação ao volume máximo e no eixo horizontal os meses e dias do intervalo em estudo. Em azul está representada a curva de armazenamento. As setas vermelhas indicam o armazenamento máximo nos anos de 2006 (I), 2007 (II) e 2008 (III). As letras A, B e C, ligadas por linhas vermelhas, indicam os volumes mínimos de armazenamento atingidos nos anos de 2006, 2007 e 2008, respectivamente. (fonte: ANA)

O reservatório de Sobradinho regula essencialmente sozinho a vazão do baixo São Francisco, sendo a contribuição de Itaparica e dos demais reservatórios a sua jusante pouco expressiva. Tendo isso em mente, observemos que em março de 2006 e novamente em março de 2007 o reservatório de Sobradinho atingiu 100% de seu volume, mas em 2008 o volume acumulado não chegou a 75%. É evidente que uma operação cautelosa deveria ter sido conduzida para evitar o colapso hídrico no início de 2009, que tem graves conseqüências para a ictiofauna e para os ribeirinhos. Entretanto, o oposto a uma operação cautelosa foi o que se viu: o reservatório foi esvaziado num ritmo rápido até que atingiu, no início de novembro de 2008, os mesmos patamares de novembro de 2007, levando à mesma situação de emergência do ano anterior. Se houvessem controlado as vazões defluentes para que o volume acumulado fosse, em novembro, aquele atingido em 2006, não haveria falta de água na calha do baixo São Francisco no verão de 2009.

Não se justifica argumentar que se esperava uma chuva maior na bacia: a América do Sul está sob influência do fenômeno climático La Niña, que sempre traz consigo menos chuvas na bacia do médio S. Francisco e mais chuvas no semi-árido setentrional, fenômeno este que foi o responsável pelo reservatório de Sobradinho só ter atingido 75% de seu volume, este ano. Não é possível acreditar que o ONS e a CHESF não tivessem conhecimento disso. Então, o que pode ter levado o ONS e a CHESF a adotarem estes patamares de vazão?

Observemos agora a figura seguinte, que mostra as vazões afluente (que chega à barragem), defluente (que sai dela pelas turbinas da usina) e vertida (que sai das comportas, sem passar nas turbinas), no mesmo período em consideração (2006-2008).

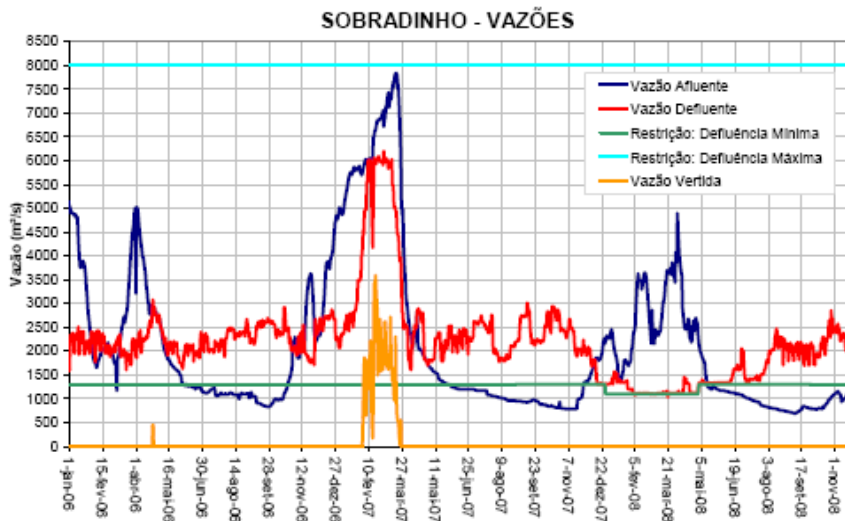


Figura 2: Vazões em Sobradinho. O eixo vertical representa as vazões afluente (em azul), defluente (em vermelho) e vertida (em amarelo) no período. O pico de vazões afluentes é muito maior em 2007 do que em 2008, o que levou à necessidade de verter água pelas comportas sem gerar energia (indicado pela linha amarela), já que o reservatório tinha atingido 100% de armazenamento (vide figura 1). (fonte: ANA)

É fácil perceber que de fevereiro a março de 2007 foi preciso verter água do reservatório de Sobradinho, que tinha atingido o limite de acúmulo de água. Esta água vertida corre até o mar sem gerar eletricidade, o que é considerado desperdício pela CHESF e pelo ONS. Mas não é: as vazões acima de 4.000 m³/s, alcançadas neste período, é que arrastam consigo sedimentos, aprofundando o talweg do rio, levam sedimentos para recompor a linha de costa no estuário do rio e criam condições adequadas para a postura das ovas dos peixes que sobem o rio no verão. Evitar a todo custo esta vazão vertida e sua cheia associada, é duplamente prejudicial ao ambiente, porque impede a ocorrência de cheias anuais e leva à falta efetiva de água quando o fim de ano é mais seco (como no caso deste ano e do anterior). A adoção de um regime especial de baixas vazões é um recurso de alto custo ambiental e que traz, além disso, prejuízos aos ribeirinhos representados pela dificuldade em navegar no baixo São Francisco e pela falta de pescado nos anos subseqüentes.

Em conclusão, a situação atual e a necessidade de adoção de um regime de vazão abaixo do mínimo pré-estabelecido é fruto de má-gestão e de ganância em querer extrair do rio São Francisco mais do que ele pode dar para geração de energia, prejudicando todos os demais usos e a saúde da fauna e do próprio rio.